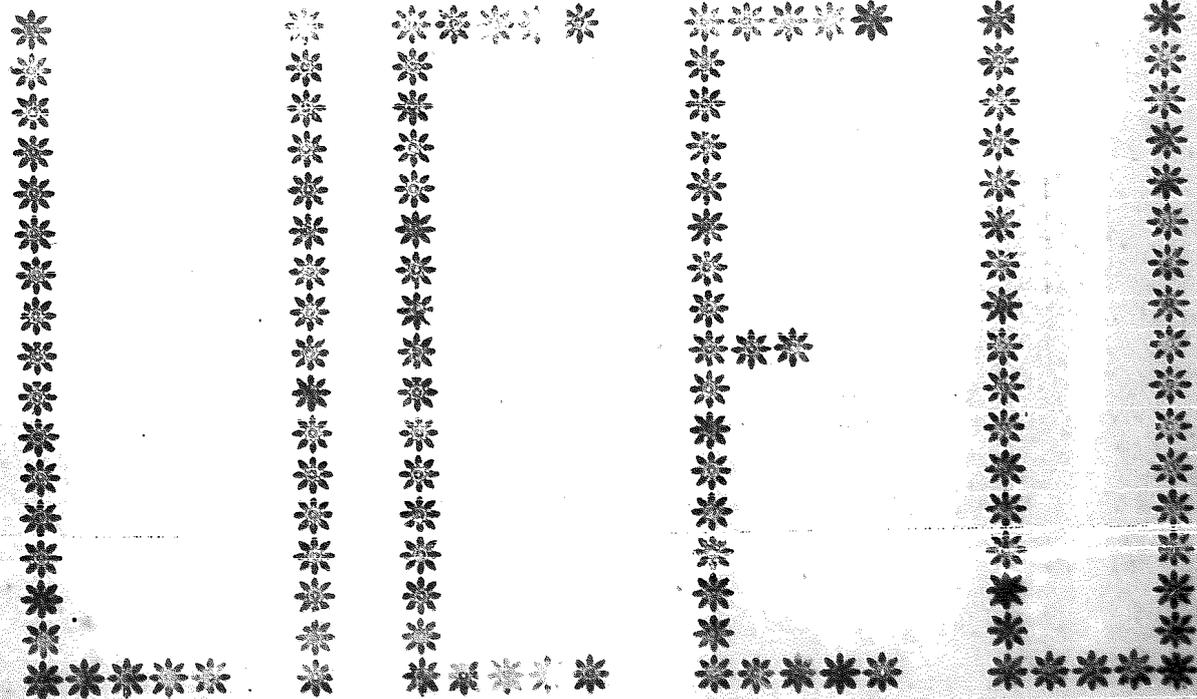


Ano II | Cuiabá, 1º de Outubro de 1937 | Nº 16



Amizade sincera

Aos bons amigos
OSVALDO A PEREIRA e
JOSÉ O. AZANEU

Corria o ano da Grande Guerra 1914, quando o jovem José, com 12 anos de idade, principiou a frequentar o colégio, preparando-se então para o ginásio.

A família deste jovem era abastada, e seus pais, vendo a sua sagaz inteligência, enviaram-no aquêles dias ao colégio.

Ao lado desta família veio fixar residência uma pobre viuva a quem a morte do esposo havia reduzido a um estado precaríssimo. Possuía ela um único filho de 11 anos, o Moacir em quem depositava fagueiras esperanças.

A viúva desditosa foi ter com os professores do mesmo estabelecimento a fim de grangear um lugar para o seu pimpolho. Voltou satisfeita, pois, tinha obtido o seu *desideratum*.

No dia seguinte o Moacir, pobre, mas decentemente vestido, foi pela vez primeira à escola e inexperiente ainda, estava à porta, à espera de alguém. Eis que chega o José e pergunta-lhe:

— Você vai estudar?

— Vou, responde ele, mas não sei a quem me dirigir.

— Vem comigo, — diz-lhe seu futuro amigo — apresentar-te-ei ao nosso bom padre Conselheiro. E foram-se internando nas amplas salas de estudo.

Lá chegado; o Superior pergunta-lhe o nome e fixa-lhe um lugar.

Desta data em diante os pequenos tornaram-se bons amigos. Todos os dias pela manhã iam ambos à escola e durante o trajeto se alegravam mutuamente pela vida colegial, numa conversação eloqüente e cheia de risonhas idéias infantís...

Estando uma tarde sentado com a mamãe diante do casebre, Moacir relatava-lhe com singeleza os pormenores da vida colegial.

A mamãe lhe diz: Ouve, filinho, aqui perto veio morar uma viuva, a qual possui dentre outros, um filho chamado Osvaldo. Poderá êle ser um dos teus amigos, pois êle também é órfão de pai.

— Mamãe, quando é que vamos vê-lo?

— Logo que puder lhe faremos uma visita e você trate-o como se fosse irmão. Ele é membro desta bôa e virtuosa família.

Com efeito, poucos dias depois, foram à casa da vizinha. Após cumprimentos, engolfaram-se em uma palestra animadíssima.

O Moacir, vê ao longe o seu futuro amiguinho. É uma linda criança de sua idade, de cabelos loiros como cabelo de milho, olhos côr-do-céu que, com ternô olhar o fita como querendo cumprimentá-lo, mas não se atreve, pois, não o conhece ainda.

Derepente D. Ana chama em alta voz: — Osvaldo?

— Pronto, mamãe — diz o pequenito ao mesmo tempo que esboçava um sorriso infantil!

Eis aqui: Moacir será de hoje em diante teu amiguinho com quem podes brincar. As duas crianças se entrelaçaram num grande abraço...

Terminada a palestra, despediram-se. Os pequenos fizeram o mesmo entre si, prometendo brincarem muito em horas vagas.

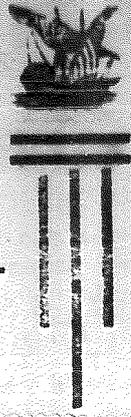
Brincou-se muito... Era o tempo feliz! Tempo das *bolitas* e dos *piões* e... no apogeu o futebol. Infelizmente, jamais o desfrutaremos. Tempo feliz o da infância, porém, que não volta mais...

• • •

Com o novo amigo conquistado, não devemos pensar que tenha esquecido do José. Pelo contrário, no dia imediato fizeram-se conhecer, fomando assim uma triade de jovens estudantes, unidos unicamente pelos laços de amizade sincera!

Nunca, reciprocamente, se esqueceram. Momento do impagável gaiato Osvaldo diante do qual a seriedade perdia o nome !...

O LICEU



Órgão do Liceu de Artes e Ofícios de S. Gonçalo
Cuiabá - Mato-Grosso

Ano II

Outubro de 1937

N. 16

O supremo remédio

Na terra, aos homens tua dôr não contes;
Fala ao Céu, — o Céu ouve ao que o procura;
Ergue os olhos além dos horizontes:
E' lá que à vida está o remédio ou cura.

A tôda alma que sofre em grutas, fontes,
Em aves e nos brutos da espessura,
Grimpas de árvores, píncaros de montes
Estão, observa-os, apontando a altura.

Aponta-a em cada igreja a flecha esguia
Do campanário; quando já sem velas
A nau no mar, desconjuntada já,

Vai a afundir por entre a ventania,
O grande mastro, amigo das estrêlas,
Aos marinheiros apontando-a está.

Alberto de Oliveira



Crônica

Mês de setembro de 1937

1 — 6 *Semana da Pátria. Diariamente: ginástica, canto do Hino Nacional. Evoluções.*

7 — *Dia da Pátria. Parada na praça da República. Desfile.*

8, 9 e 10 — *Luto oficial pelo falecimento do exmo. sr. Governador do Estado, dr. Mario Corrêa.*

19 — *Comemoração do dia de S. José.*

21 — *Dia das Árvores. — Preleções.*

23, 24 e 25 — *Tríduo em preparação à festa de S. Luiz de Gonzaga.*

24 — *N.ª, S.ª, das Mercês.*

25 — *Recepção dos novos sócios da companhia de S. Luiz de Gonzaga*

26 — Festa de São Luiz de Gonzaga.

— Às 5 horas: missa celebrada pelo padre Ricardo Remetter. — Às 6: missa da comunidade, pelo rvm. Vigário Geral da Arquidiocese, padre Luiz Sutura. Fervorino. — Primeiras Comunhões.

— Às 8, 30: missa solene, pelo rvm. sr. padre diretor, Guilherme Müller. *Schola Cantorum*: Filósofos e Noviços do Seminário da Imaculada Conceição e alunos dêste Liceu.

Às 5, 30 — Procissão de S. Luiz.

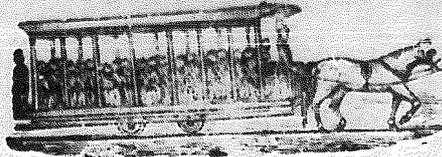
Panegírico, pelo rvm. padre Diretor. Kermesse. A Banda-de-Música da Fôrça Pública, gentilmente cedida pelo exmo. sr. Comandante, tocou durante essas funções.

28, 29 e 30 — Terceiras Provas Parciais.

O dedo mais forte da mão:

O dedo poliegar é não somente o dedo mais forte, mas também o que tem tanta força (elle só) quanta todos os outros juntos. O annular tem, alem dos musculos ordinarios, um especial, que o impossibilita, geralmente, de permanecer direito, quando se dobram os companheiros. — particularidade que o faz ter mais do que o dedo do centro. O dedo minimo tem movimentos, mais indpendentes do que nenhum dos outros. O indicador é o centro de rotação da mão e do antebraço, e os seus movimentos têm muita relação com os do dedo do coração.

O que nem todos sabem



1. O ministro da Instrução Pública no Urugai O Exmo. Snr. Eduardo Haedo é um ex-aluno do colégio salesiano de Vila Colón.
2. Os três primeiros Salesianos japoneses emitiram os primeiros votos na Sociedade Salesiana no dia 29 de dezembro de 1936.
3. "A greve dos ajoelhados" apareceu no México. Durante mais de 4 dias os católicos de Nogales ocuparam a igreja nesta posição de oração afim de obter plena liberdade do exercício do culto.
4. Relação entre Valência (Esp.) e Tomakomai (Jap.) -- (num jornal japonês) Valência. — Os comunistas transformam uma igreja em bar... Tomakomai. — Um lugar de divertimento tornou-se igreja!!!
5. Arqueólogos alemães descobriram num sepulcro do ano 1200 antes de Cristo 7 dentes artificiais: 3 de homem e 4 de mulher
6. O sr. Wilhelm Hoeter, alemão falecido há pouco na América, fez a sua fortuna com a profissão de domador de pulgas.
7. Um jovem americano, o Sr. Snite, afetado de paralisia infantil, vive por meio de um pulmão de ferro. Inventou aquêlo aparelho, o Sr. Collis, Americano, faz uns dez anos.
8. A Feira Internacional de Paris foi visitada num dia só por 107451 pessoas. Quem o registrou é um fotografico, elétrico e mecânico, funcionando a cada passagem de uma pessoa na entrada.
9. O celebre colar da infeliz rainha de França Marie- Antoinette, o qual era composto de 29 famosos diamantes, foi vendido em Londres por 536:750\$000 a um riquíssimo príncipe indiano, o Mahafadja de Barbangha.

Conversam muito seriamente duas pequerruchas, de uns sete a oito annos.

— Sabe? Meu irmão tem só seis mezes e já pesa dez Kilos.

— Ora, que admiração! O meu tem só quatro e pesa seis kilos, sem contar com a cabeça

— O que?! Sem a cabeça?

— Decerto, — pois a cabeça delle, quando o pesaram, estava fora da balança...

O Cardeal Salesiano

Já pela segunda vez, o Cardeal Salesiano, Dom Augusto Hlond, desempenha a alta função de Legado Papal. Faz uns dois anos, o Papa Pio XI, nomeou-o como seu Legado ao Congresso Nacional de Lubiana. Então, toda Yugoslavia com verdadeiro delírio, recebia e despedia o Legado Pontifício, o Cardeal Slavo.

Nêste ano, o Santo Padre, não só encarregou o Cardeal Hlond de organizar e convocar na séde de sua arquidiocese o Primeiro Congresso Internacional de Cristo Rei, mas até, pela vez segunda o nomeou Cardeal-Legado ao referido Congresso.

Esta é uma grande honra para a Congregação Salesiana, pois, um de seus membros, mereceu o primeiro posto logo depois do Papa...

Porque, Legado Pontifício (a látere) é o braço direito do Papa, é o sucessor do Santo Padre em dada função. Portanto, a Congregação Salesiana tem direito de ser rejubilar por esta grande distinção e ao Papa de Dom Bosco, ao magno Pontífice Pio XI, devemos formular um filial, humilde e sincero agradecimento.

O Primeiro Congresso Internacional de Cristo Rei, realizou-se na Pôlônia, em Poznar, nos dias 25-29 de junho e por seus trabalhos e esplendor, excedeu toda expetativa.

Justamente conbe à Polônia, nação já millenar e sempre fiel à Igreja, o célebre Baluarte do Cristianismo e da cultura européa, dar início aos permanentes Congressos de Cristo-Rei.

O congresso, foi uma Dieta Geral dos povos, para combater o nefasto, perverso e anti-social ateísmo, a descrença...

Presenciavam-no três pupurados: o Cardeal Verdier de Paris, o Cardeal Ineitzer de Vienna e o Cardeal Kakowski de Varsovia que nas assembléas gerais ocupavam os logares em frente do Cardeal-Legado D. Augusto Hlond, Primaz da Polônia.

As línguas oficiaes do Congresso foram: polonês, alemão, francês e italiano.

Nestes idiomas, os iustres e abalizados oradores, alguns até de fama mundial, oravam sôbre os problemas religioso-sociais.

Além dos discursos officiais, cada nação deliberava à parte sôbre os males da sociedade hodierna. Quasi toda nação europeia, mandou ao congresso os seus bispos e os seus representantes; principalmente do ramo da "Ação Católica".

Êsses quatro dias de reuniões e de estudos, mormente sôbre as causas da descrença e do ateísmo, encerraram-se com a missa campal, pontificada no estádio pelo Legado Papal e a brilhante oração em três línguas: francês, alemão e polonês, tecida pelo bispo Castrense da polônia, Dom Yacolina. Eis um lance de olhos sôbre o Legado Papal e o Congresso de CRISTO REI...

A. W.



Em homenagem ao Cardeal Salesiano,
DOM AUGUSTO HLOND,
Primaz da Polônia, por ocasião
do decenio de cardinalato.

SUPER
OMNES
SPECIOSA



Plávio Azambuja, S. J.

São Leopoldo,
Outubro de 1936.

É da Virgem o semblante
Mais formoso que o luar,
Nem se pode imaginar
Seu fulgor no céu radiante;

Se dissesse que o diamante,
A safira a rutilar
Não igualam seu olhar,
Sobre tudo mais brilhante,

Muito pouco afirmaria;
Pois quem pode comparar
Com mesquinha pedraria

Nesta terra a rebrilhar,
A BELEZA de MARIA
Que no mundo não tem par!...

As contas do Rosário

(a Virgem do Rosário no seu mês)

Quando esfusia tétrico, medonho,
O vendaval medonho dentro ao peito;
Quando um castelo vejo em pó desfeito,
Ou quando, já desfeito, afago um sonho;

Ou quando, desta vida insatisfeito
Quedo-me insatisfeito e só, tristonho;
Ou quando em solidão, mudo, ressonho,
O passado ressonho em brumas feito;

E não encontro alívio à dor ingente,
E limitivo algum minha alma sente,
Ajoelho-me, em prece, ante o sacrário,

E a paz me volta ao coração de crente...
No entanto pelos dedos, mansamente,
Vão deslizando as contas do Rosário...

MAIA D'ATHAYDE

Súplica a Maria

V. S.

Se o amor é forte, como é forte a morte
Se tudo vence, a tudo move, anima,
Quero, na lira, celebrar meu Norte,
Na lira doce dos heróis da rima.

Tu és, Maria, este meu Norte... Arrima,
Divina Musa, o terço adejo à sorte...
Sou pequenino, por amor, íntima,
Leda-mãe inspire a celestial coórte.

Mãe, corre o véu, que não deixa vêr-te
Sorri meiguice, ao filho teu diverte,
Fá-lo tanger com éstro a lira inquietata...

Da-me saber no verso melodioso,
Pintar ledice de vergel mimoso,
Sê generosa, ó mãe, ao teu poeta.



Educação



No corêto do jardim público, a banda de música militar, executa uma valsa. Pouco distante, crianças, numa algazarra medonha se divertem.

Há, ali, crianças de todos os tamanhos, desde 3 anos aos 15, a se divertirem em gangórras, trapézios, balanços, argolas etc. Todas elas, de ambos os sexos, numa mistura sem nome e condição, a correrem desastradamente por entre aquêles aparelhos todos, sem sequer vermos uma pessoa responsável por elas.

Naquela convivência divertida, nota-se o grande perigo (moral e físico) a que estão expostos aquêles entes inocentes que, ali, fatalmente, com a permissão de pais menos escrupulosos, estragarão o corpo e a alma.

xxx

Felizmente ainda existem pais de boas famílias que não deixam seus filhos amados entregues a tais diversões.

Mais tarde, venturosos serão em ter os filhos bem educados e satisfeitos com êles.

Êstes pais, terão poupado a si as amarguras que outros terão a contragosto, que engulir paulatinamente...

Os frutos da má educação amargam mais que o proprio absinto!...

x x x

Desgraçados dos pais que não ligam importância a seus filhinhos e depois... oh! quantos ais!... quantos chêros e maldições, pragas e impropérios mastigados com remorsos lentos e esmagadores!

Então, quando a deshonra lhes penetrar em casa por uma filha seduzida ou um filho querido que vive chafurdado nos vícios fáceis de que a vida é

cheia, dirão com lágrimas nos olhos: "Océu não me ouve e Deus está surdo e se esquece de meus bons filhos."

É êste final o epílogo de uma educação desleixada, deixando os pequenos ao léo e em mãos de extranhos!...

Para o futuro, que pais!...

* * *

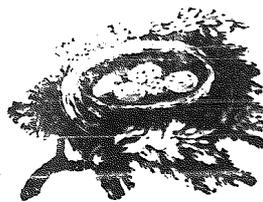
Em tempos que já se vão, ouvi de u'a mãe de família libetina, dessas da moda actual o seguinte: "senhor, estou criando em casa uma onça que me vai devorar mais tarde." E com lágrimas nos olhos vermelhos, mostrava-me o garoto que se não comovia em vendo as lágrimas caídas por sua causa!

— Senhora, disse-lhe eu, pela árvore se conhecem os frutos

Izé X. Nada

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo, envelheçamos
como as arvores fortes envelhecem:
— na glória da alegria e da bondade,
agazalhando os passaros nos ramos,
dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac





Aniversariantes



Alunos

Mês de outubro

- 2 — Pedro Arlindo (2ª série).
- 3 — Diniz Teixeira da Silva (1ª série).
- 7 — Sérgio Ferreira Duarte (aprendiz).
- 8 — José Alves Correia (admissão).
- 10 — Benedito Francisco Pereira Borges (1ª série).
- 10 — Jaime Galvão de França (1ª série).
- 11 — Gabriel Júlio de Matos Müller (1ª série).
- 11 — José Rachid Jaudy (2ª série).
- 14 — Benedito Gabriel (2ª série).
- 15 — José do Bom-Despacho e Silva (aprendiz).
- 15 — Aziz Mubarack (1ª série).
- 17 — Pedro d'Abadia Maciel (admissão).
- 18 — João Benedito Figueiredo (aprendiz).
- 20 — João Jorge (aprendiz).
- 20 — Augusto Frederico Müller (1ª série).
- 21 — Lucílio Ribeiro Taques (admissão).
- 21 — Rubens Astélio da Silva (admissão).
- 23 — Romão Baicere (aprendiz).
- 24 — Antônio Rafael da Silva (aprendiz).
- 24 — Francisco José Rodrigues (1ª série).
- 26 — Oscar Hélio da Costa Marques (2ª série).
- 26 — Iris Gomes de Arruda (1ª série).
- 26 — José Evaristo Pires (aprendiz).
- 28 — Maximiliano Lino (aprendiz).
- 28 — Mário de Arruda Figueiredo (1ª série).
- 29 — José Ribeiro Filho (1ª série).

Salesianos

- 14 — Prof. Francisco Bottoni (14 de setembro).
- 4 — Prof. Jorge Bombled (4 de outubro).
- 9 — Prof. Virgílio Ballabio (9 de outubro).

Oh! se se compreendesse bem o inestimável valor da obediência!

Recebi amiúde o Pão dos Anjos e adquiri a rainha das virtudes.
— D. Bosco

Dia da Pátria

A semana e o dia da Pátria, em Cuiabá foram condignamente celebrados por todos os colégios e institutos literários.

Nosso Liceu participou dessas solenidades, com todo o entusiasmo.

No dia 7 de Setembro, compareceu o batalhão colegial, bem uniformizado e garboso, na praça da República, onde houve missa campal, celebrada pelo Exmo. sr. Arcebispo. Logo após falaram s. Excia. v. m. o sr. d. Aquino Corrêa, o exmo. sr. deputado Bandeira Horta e um aluno de uma das escolas.

Seguiu-se o canto do Hino Nacional e o desfile pelas ruas principais, em continência às autoridades.

Foi um bellissimo espetáculo o que se contemplou na praça da República. Era, principalmente, digno de ver-se o conjunto formado pelas crianças e jovens dos ginásios, escolas normais, complementares, grupos escolares, e de outras escolas...

Deus conceda ao Brasil a felicidade de poder sempre celebrar dessas comemorações em meio ao maior gaudío e espontaneidade.



FESTA DO DIRETOR

No dia 12 de Setembro o Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo celebrou a Festa do Diretor, em homenagem ao v. m. sr. padre Guilherme Müller, diretor do estabelecimento.

DESPEDIDA

Pouco a pouco vão-se me aproximando os últimos dias de colégio. Parece não fazer muito tempo contava ainda 6 meses e ficava triste, sorumbático, pensativo...

Por que assim? Porque haviam terminado as férias. Havíamos iniciado novamente a vida colegial e ainda me achava com amor às férias.

Um belo dia, esqueci-me das férias, e continuei alegre, sorridente a minha vida colegial.

Pouco tempo depois, a folhinha de parede marcava os meus últimos dias...

Em breve deixarei este casarão, onde passei 4 succulentos anos no meio do maior contentamento. Não só isso, mas também por achar-me perto de um belo santuário, onde todos os dias, pela manhã, junto com os meus colegas, iam orar, pedir a Deus graças e felicidades...

Meus caros colegas, mestres e assistentes, enfim, todos os superiores, o momento apesar de ser um dos mais alegres, da minha vida tôda, é bastante triste.

Tenho que partir e irei fazê-lo levando no coração, os princípios de uma crença que me há-de tornar

Foi executado o seguinte programa:
HOMENAGEM ESPORTIVA
ao Rvmo. Snr. Pe. Diretor
No Pátco do Estabelecimento às 8h.

- 1 — Desfile do batalhão c o l e g i a l
- 2 — Saudação, pelo aluno João Antônio Neto
- 3 — Ginástica educativa, dirigida pelo competentíssimo instrutor de Educação Física, Snr. Sargento Aristotelino Praieiro.
- 4 — Corridas de estafetas, por alunos médios e menores
- 5 — Corridas de distância, com obstáculos.
- 6 — Corridas de bicicletas, sendo premiado o último
- 7 — Corridas de bicicletas, com obstáculos.
- 8 — 2 séries de pirâmides humanas pelos alunos do internato.
- 9 — Caracol com pirâmide.
- 10 — Dobrado final.

Diante de um público seletto e numeroso, desenvolveram-se rápida e satisfatoriamente os diversos números do programa, ao som da banda musical gentilmente cedida pelo snr. Major Comandante da Força Pública.

Vencedores e premiados foram os seguintes alunos:

Corrida de distância, com obstáculos:

Maiores — Stenio Neopolo da Silva.

Médios — Carlos de Arruda

Corrida de bicicleta, sendo premiado o último:

Delio Miranda

Corrida de bicicleta, com obstáculo:

I Grupo: Orestes Leite

II Grupo: Augusto Müller.

grande aos olhos de Deus; levando em todo o seu uma recordação dorida.

Que importa, porém, uma tristeza? A luta é inevitável.

Deus o quer e a patria o manda.

Levo, pois, neste peito obrigações e saudades.

Por muito que a vida custe, sempre serei uma recordação grata do tempo da juventude.

* * *

Rvmo. sr. padre diretor:
Por todos os favores que me foram dispensado, mostrar-me-ei sumamente grato, eternamente reconhecido...

Saberei seguir os vossos conselhos de pai dado nestes curtos anos que passei em vossa companhia. Tenho por certo, médico das almas, que, seguindo os vossos ensinamentos, viverei feliz.

* * *

Colegas, nesta despedida, peço desculpar-me e por não ter satisfeito vossas espetativas e vos deixo metade do meu coração e o sagrado dever de bem servir à Igreja, à Pátria, e à Família.

Clovis Bastos

QUAL A MAIOR DESGRAÇA—
Cusroés, poderoso rei dos Persas (f. 579.) convocára os sábios da Pérsia e Estados visinhos. Perguntou-lhes:

«Qual será a maior desgraça que possa cair sobre um homem?» Um filósofo grego respondeu: «A velhice passada sem paz e em extrema pobreza». Um sábio da Índia disse: «Não, eu julgo a maior desgraça, doença corporal unida à fraqueza do espirito».

Em seguida, um sabio persa declarou: «Estou convencido, a maior desgraça que possa cair sobre um homem é: estar para morrer e ter a consciência de ter levado um vida má!» Todos concordaram e o rei disse: «Sim, dever morrer após uma vida mal empregada é o mais terrível».

E tinha razão: a morte má é para um homem, a desgraça maior e irreparável.

Fragmentos...

Por Frederico Silva

A ESCOLA

*Seja a infância abelha sôrega,
haurindo seiva da idéia;
sirva a escola de colmeia,
e o livro sirva de flor.*

Ai! triste de mim!...

Frase caída da bôca de um rapaz que abandonou a escola após ter conhecido apenas o abecedário.

Era paupérrimo, com os pais doentes... Teve que se empregar num labor duro e sem futuro para sustentar seus progenitores

Após seis anos de porfiadas pesquisas, certo médico austríaco, o dr. Rilly Spitler, afirma ter descoberto um regime ideal para a cura dos nossos males.

Esse regime se baseia nos efeitos que as diferentes côres exercem sobre o nosso sistema nervoso. Cada cor possui uma influência particular. Assim é que o azul e o violáceo extinguem de repente a dor de cabeça.

O vermelho, que aumenta a pressão do sangue, é infalível nas sincopes. As cólicas do estômago não resistem ao verde-amarelo e ao verde-azul.

Entim, uma lâmpada azul basta para fazer-nos trocar a negra tristeza pela mais exuberante alegria. Experimentemos!

* * *

O coração humano, diz um conceituado fisiologista inglês é uma pequena bomba de uns quinze centímetros de altura e dez de largura. Funciona setenta vezes por minuto, quatro mil

e não morrer de fome!

Por força maior, não tendo ninguém por de, teve que abandonar a colmeia e a flor.

Infelizmente temos meninos que votam uma aversão à Escola e ao Livro...

Não sabem o que perdem! Assemelham-se ao galo da fábula que abandonou o diamante por não lhe conhecer o inestimável valor.

Oh! jovens, amai a escola que vos fará grandes e úteis homens do nosso idolatrado Brasil.

... e duzentas vezes por hora, cem mil e oitocentas vezes por dia e trinta e seis milhões, setecentas e noventa e duas mil por ano.

* * *

Nada há mais que seja autêntico e que seja na verdade aquilo que parece e aquilo que dizem.

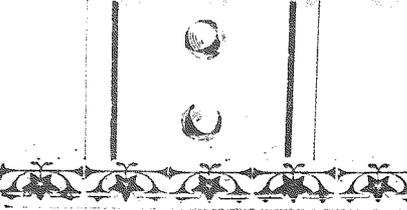
Não é autêntico o colerido das mulheres, feito de pastas e de pós.

Não é autêntico o talento feito de plágios e de disfarces.

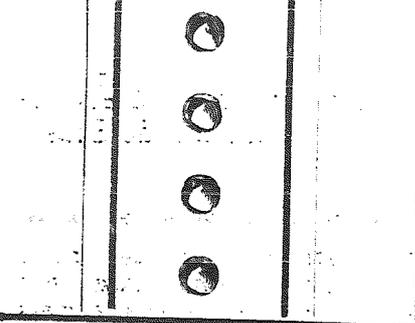
Não é autêntico o vinho composto de tudo, menos de uva.

Não é autêntica nem a própria ferocidade feita muitas vezes de medo ou de impunidade.

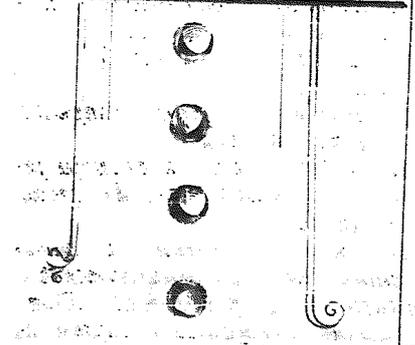
Falsificam-se as estátuas, as pérolas, os manuscritos, os acontecimentos, as reputações, os programas. Duas únicas cousas permanecem, acima de tudo e de todos irrecusavelmente autênticas: «o Evangelho de Cristo e a imbecilidade universal».



Microcosmo



Oswaldo Lobo



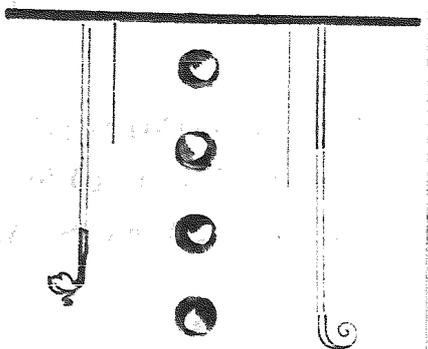
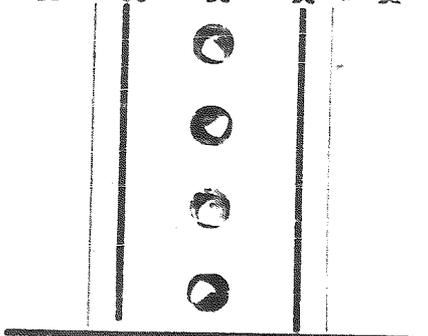
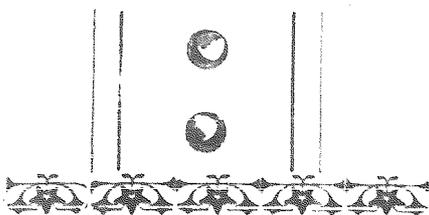
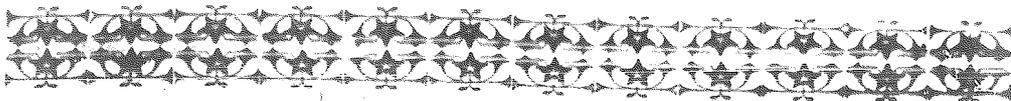
*Meu Deus! por que canta
dentro em minha alma,
um rouxinol,
ora traquinas,
ora tristonho,
— doce enlêvo d'alma!—
umas vezes, cheio de vida,
outras, cheio de sonho?!...*

*Por que partiu minha alma,
pelo infinito além,
numa carreira doida,
desabalada,
a cantar,
e a chorar também?*

*Por que sinto hoje em mim,
essa exquisita, extravagante coisa,
que é um partir-se de harpas,
uma vibração de clarins,
uma alvorada que madruga,
um sonho, um delírio,
uma loucura que não sei exprimir?*

*Não sei.
Saúde...
ânciu do infinito...
nostalgia do céu...
Um alçar-se para Deus!*

*Um canário.
pequenino,
valente,
traquinas,
a cantar,
despertou cedo,
também,
em meu coração...
— e não houve meio
de expulsá-lo daí...*



*E por quê
lá
se não vê
o sabiá,
o bardo triste e saudosos
de todos os poetas
do Brasil?*

*E eu me transformei, assim,
em majestoso palácio de cristal,
ou modesta gaiola de taquara
onde gorgeliam
todos os passarinhos do azul,
onde vibra e palpita
toda a alegria da felicidade,
todo o encanto do viver...*

*Onde, porém, acordaram,
não sei porquê,
todos os prantos,
convulsos,
desesperados,
de todos os corações aflitos...*

*E—de-permeio às gaiatas,
argentinas
casquinadas infantís,
—tôdas as lágrimas
silenciosas,
humildes,
vacilantes,
pequenas,
de todas as vítimas inocentes
do drama infável da vida...*

* * *
Quem sou?

* * *
*Serei a voz do Brasil
clamando por uma redenção?*

Oitavo

Por Brasília Marajá

Naquele dia, meu jovem amigo, tu estavas desconfiado... Falavas baixo na roda. Sem gestos. Olhavas de soslaio. No grupo dos colegas que te ouviam, nenhum rosto tinha luz. Tudo sombrio. Ambiente tempestuoso.

E havia borrasca, sim, bem o sei. A tua palavra fácil atirou contra o pobre superior a primeira mentira. Ela cresceu e, agigantada, se tornou calúnia.

Tu caluniaste, meu jovem amigo.

Ai! Que efeitos desastrosos os daquela infame conversa!

Roubaste a fama do teu mestre. Puseste no

coração dos teus colegas o germe infernal de uma desconfiança que degenerou em mal estar, chegou a um triste pessimismo e culminou numa revolta...

Revolta que se foi alargando até agarrar todos os colegas da tua secção.

Caluniador!

Volta atrás, caluniador! Repara o mal que fizeste. É teu dever. Grave dever.

O teu superior tem direito sagrado á sua fama.

Os teus colegas devem respirar mais á larga. Fora desse circulo de ferro que os estreita.

Caluniador! Repara!

PARA DEFENDER A FÉ E OS COSTUMES DEVE-SE LUTAR COM A MESMAS ARMAS COM QUE OS INIMIGOS SE SERVEM CONTRA NÓS, A IMPRENSA, O JORNAL.

PIO X



Com Deus não se brinca!

Aubenas, cidadezinha na margem direita do rio Ardèche, ao Sul da França, foi o teatro do triste acontecimento que vamos narrar.

Era a festa do Corpo de Deus. A procissão do Santíssimo Sacramento com seu cortejo interminável de meninos, filhas de Maria, povo devoto e de sacerdotes, percorria as ruas adornadas da cidade.

Três jovens, esquecidos dos próprios deveres, não quiseram tomar parte aquelas manifestações, de fé e amor ao Rei do Universo. Retirados numa taberna, espiavam pela janela entre aberta a procissão que passava. Desfechavam injúrias grosseiras e obscenas àquela boa gente que acompanhava Jesus Sacramentado.

Esses três infelizes não tinham olhos para enxergar, nem coração para sentir a beleza da religião nesta circunstância tão solene. Nem a candura das crianças, nem a modestia das virgens, nem as preces e os cânticos da multidão lhes tocaram a alma. Riam-se de tudo e de todos. Quando passaram o clero e os sacerdotes que faziam guarda de honra a Jesus-Hostia os motes daqueles rapazes se tornaram impiedades. O eco das blasfêmias chegava aos ouvidos dos ministros de Deus. Um desses, sentindo profundamente a injúria feita ao seu Deus dirigiu-se para o lugar donde vinham aqueles insultos. Encontrou os três rapazes num delírio de alegria intempestiva. Santamente indignado, fez-lhes estão exprovações, temperadas pela bondade evangélica:

— Quando Nosso Senhor percorria as vilas e aldeias da Judea, a multidão vinha ao seu encontro para vê-lo, ouvi-lo e receber as graças e os benefícios que Ele semeava na sua passagem. Entretanto, aquele povo não O co-

nhecia como vós O conheceis. Jesus, na Sagrada-Hostia, é o mesmo Jesus que, outra hora consolava aos aflitos, curava aos doentes, ressuscitava os mortos. E o Deus Salvador que se compadece das misérias humanas, Ele passa, hoje, pela cidade, abençoando seus habitantes e suas casas! A multidão O aclama e vós O insultais!... Oh! meus amigos, por certo, não pensastes na maldade e no escândalo do vosso proceder. Vinde, segui-me!... Uní vossas adorações e vossas preces às da turba. Fazei assim um ato de desagravo a Jesus-Eucarístico!

Uma ruidosa gargalhada respondeu aquelas palavras tão sentidas do zeloso pastor das almas.

— E si Deus, a quem insultais, vos castigasse, vos aniquilasse, vos amaldiçoasse!... Pensas bem nisso, infelizes?

— Ele é senhor do universo, respondeu um dos três. Não temo seu trovão!

— Desgraçado! exclamou o padre. Deus vos ouve! Depois, voltando-se para o outro: — Tu serás, sem dúvida, mais prudente e mais ajuizado. Vem pedir perdão por ti e pelo teu companheiro. Afasta-te do suplico, o castigo da horrível imprecação que ele acaba de pronunciar.

O rapaz, não querendo parecer menos intrepido do que seu socio, replicou: — Quando se tem trigo no celeiro, dinheiro no banco e uma boa casa, a gente se defende facilmente da colera de Deus.

— Cala! prorrompeu o terceiro. Com Deus não se brinca!

— Ah! Ah! Ah!... caçoavam os dois primeiros, já estás com remorsos. Estás com medo de que Deus te precipite no rio Ardèche, quando voltares para casa?...

O jovem, apagando aquêle vislumbre de fé e de temor de Deus que, por um instante, brilhara na sua alma, cedeu a moça dos seus amigos.

— Não, disse, não estou com medo de Deus. Não sou menos corajoso do que vós.

O padre, com o coração magoado, se retirou, pedindo a Deus que afastasse daqueles três infelizes os terríveis castigos da justiça divina.

Os rapazes, embora exteriormente alegres, já sentiam os remorsos roer-lhes a consciência. Não tinham a coragem de se manifestar um ao outro o que se passava no seu interior. Para abafarem os clamores da consciência, êles se puzeram a cantar e a beber até á noite.

Chegou a hora de deixar a taberna.

Um vento forte se tinha levantado, o céu estava coberto, a atmosfera carregada. Tudo anunciava uma grande tempestade.

— Vamos embora antes da tormenta, disse um dos três. É domingo, outro, rendez-vous aqui mesmo!

— Entendidos! disse um outro. Esperemos que não haja procissão e que não serem visitados por algum velho pregador como o de hoje. Portanto, domingo, os três aqui! Divertir-nos-emos!

Sahiram...

Quando tinham chegado ao rio Ardèche, João, que devia atravessá-lo, se separou dos dois outros. José e Pedro continuaram o seu caminho; mas, surpreendidos por uma pancada de chuva bem forte, procuraram um abrigo debaixo duma arvore.

O trovão ribombava... Os dois libertinos, tomados de medo ao vêr o perigo, se esconderam sob um carvalho. Tremiam como vara-verdes...

A atmosfera se abrazava. Um ruído espantoso atravessou os ares. O carvalho rachouse pelo meio, não abri-

gando mais sinão dois corpos lívidos e imóveis. O raio ferira os dois rapazes! Após uns instantes, José recobrou os sentidos, chamou pelo companheiro, mas não recebeu resposta. Lembrou-se, então, da imprecação de Pedro e do desafio feito ao trovão.

— Maldição! exclamou.

Fugiu desse lugar deserto e se atirou na borrasca, correndo para casa de seu pai, que ficava a uma meia legua. Quando se aproximou dela, viu uma fogueira ardente cujas labaredas subiam até aos céus. Era a casa do pai! Um raio acabara de incendia-la.

— Perdão! meu Deus! suspirou, sou maldito!

O golpe da justiça divina era forte! José enlouquecera.

No dia seguinte, entre os desastres causados pela tempestade, relatava-se que um moço, querendo atravessar o Ardèche, tinha sido surpreendido pela rajada e atirado ao rio. Era o terceiro golpe da vingança divina.

No domingo, os três rapazes não se encontraram no lugar do rendez-vous. Pois, ficava só o José para atestar que não se provoca em vão a colera de Deus.

O coitado perdera o uso da razão para sempre!

João e Pedro o esperavam no rendez-vous da eternidade!

x x x

Caros amigos, queira Deus que tais desgraças nunca advenham a um de vós! Nunca vos esqueçais dos sãos principios que aprendestes nos bancos do colégio! Muito respeito á religião e ás cousas santas! E Deus ha de vos abençoar nesta e na outra vida!

Alberto Garimpeiro

* O éco repete sempre
Nossos gritos na floresta
Seja sempre a nossa voz
Casta, pura e modesta.

Fugi sempre do pecado
Que promete um vil prazer;
E' veneno sempre oculto
Que de dôr nos faz morrer.

Duas tiras

POR
HELIO MAIA

Vale como uma clarinada ardente e vibrante, á hora de iniciar-se o grande prelio, este livro magnifico de Jacques Doriot, que a gentileza de um velho amigo acaba de enviar-me do Rio: *La France avec nous!*

O vigoroso publicista, um dos esteios do P. P. F. (partido popular francês), não tem "papas na lingua," como se costuma dizer. É de clara franca e lealmente que a aggremação politica de que faz parte, foi a primeira a denunciar o perigo efferecido pela politica tortuosa do partido communista, politica dirigida por Moscou, politica de miseria, politica de guerra estrangeira, politica de guerra civil!

E prosegue, com vivacidade e um profundo senso do real:

"Si o país pode se reagrupar hoje, é em torno duma só e unica idéa: a lucta contra a ingerencia de Moscou nos negocios da Franca

Forque o communismo é o fermento que desagregga a vi-

da do país e a consciencia nacional. É pelo communismo que o país pôde perecer. Ahí está porque é preciso, primeiro, combater o communismo; pois que nada de positivo e de grande pôde ser feito antes que o tenhamos vencido.

Não o perecem escriptas para o Brasil, para a nossa querida Patria, essas palavras vehementes, duma angustiosa e tragica expressão — na hora em que dissídios occasionaes, luctas estereis, questiunculas personalistas dividem os brasileiros diante do inimigo commum?

Pazei o bem: sobre a terra
É a grandeza suprema;
Tem mais luz do que um poema.
Vale mais do que um trophéu!
Por uma dádiva ao pobre
— Que é de Deus o grande eleito
Podeis comprar-lhe o direito
De que elle gosa no céu.

T. Barreto



Pescando



A geografia — Certa senhora muito espreitada, gabava-se de ter viajado muito.

Então V. Ex. há de conhecer muito bem a geografia? perguntou-lhe um dos ouvintes.

— Também é a única terra a que me falta ir, respondeu ela, mas para o verão lá tenciono achar-me.



O obediente far-se-á santo; o desobediente segue um caminho que o conduzirá à perdição.

**

E' melancólico quem serve ao demônio, pois ainda que se esforce por mostrar-se contente, seu coração estará sempre triste, dizendo-lhe: «É's infeliz, porque inimigo de teu Deus» — D. Bosco.



Epigrama — Um homem de letras, para devidamente qualificar a ambição de Napoleão I, dizia

Bonaparte não quer parte,
Mas quer tudo em toda parte,
Não há no mundo uma parte,
Que não queira Bonaparte.



E' de mestre. — Um tólo, mettendo à bulha um homem de juízo sobre o tamanho de suas orelhas, éste lhe respondeu:—E' verdade que as tenho muito grandes para homem, mas Vm. também ha-de confessar que as suas para burro são muitos pequenas.

Quando foi? Quero apostar que ninguém sabe quando na America se comeram bifés pela primeira vez?

—E quando foi?

— Quando lá chegou Cristóvão Colombo.

—Como assim?

—Pois se Cristóvão não apparecesse lá e' o lombo. de que se haviam de fazer os bifés?

Esta é de cabo de esquadra!



Justo receio de Diógenes — Vendo éste filósofo um homem que não era dextro no exercício da flecha, foi-se pôr ao pé do alvo e perguntando-se-lhe porque tinha ido para semelhante lugar, respondeu: Foi para estar mais seguro.



BANHO NO ESPÍRITO — O Lino foi sempre atirado ao álcool.

Andava sempre pelas ruas em ziguezagues expressivos.

Um seu amigo censurava-o sempre. Certa vez, passavam ambos por um botequim, quando viram um grupo de rapazes já meio «chamuscados».

—Veja, disse o amigo ao Lino veja o que é o alcoolismo. Esses rapazes, de familias tão conceituadas estão fazendo um papel ridículo.

E' Lá isso é. Mas há dias na vida em que gente precisa lavar o espirito com uma boa dose. Dias depois, o Lino vinha tropega, subindo, a rua da Bahia. Saudou o amigo com voz pastosa:

—Olá! Você hoje, pelo que vejo, lavou o espirito, hein?

— Qual! Por enquanto engaboei, só...



Já não é para nós



É de todos bem conhecida aquela célebre sentença de Lutero apóstata: "A beleza do céu já não é para nós..." Disse-o aos ouvidos de sua companheira, a qual, interrompendo-lhe o silêncio, lhe pedia fitasse o firmamento, numas dessas noites próprias para a meditação.

Ah, sim! O coração de Lutero tinha-se endurecido; ardia-lhe a consciência em medonhos remorsos; seus olhos não se levantavam para o alto, — ficavam com a terra; tornára-se soberbo pela ciência mal-entendida, pela cega ciência, aquela que incha, consoante o dizer de S. Paulo: «*Scientia inflat.*»

Desejava evidenciar a incompatibilidade da religião com a ciência, mas não levantava os olhos aos céus, em ordem a obstruir no entendimento a idéia de Deus, que êle sentia na contemplação dêste maravilhoso templo da natureza, onde se patenteia a Onipotencia do Criador.

* * *
Não sejamos, caros leitores, como Lutero.

Ao contemplarmos a magnificência do firmamento brasileiro, onde sobrepaira elegantemente o símbolo da nossa redenção, reconheçamos, outrossim, a grandeza infinita do Autor de todas as coisas.

Nem tampouco só nas coisas excelentes e grandiosas, é que devemos ver a Oniciência do sublime Artista; bem assim, as, mínimas coisas nos falam bem eloquentemente d'Ele.

Aqui vem, a talho de foice, a primorosa apreciação que célebre articulista teceu sobre o grande Pasteur:

«Ao passo que estudava as coisas infinitamente pequenas, nunca deixou de ver, adorar e servir ao Infinitamente Grande».

Tenoliva



IMPOLIFICANCIA — Num teatro do interior um senhora gorda declamava:

— «Se eu fosse um passarinho...

Se eu fosse um passarinho...»

Um espectador já paulificado não se conteve:

— «...e se eu tivesse um espingarda...»

NO HOTEL: — Foi o sr que me pediu para o acordar a tempo de tomar o trem das quatro?

— Sim; ou mesmo.

Muito bem. Pode continuar a dormir. O trem já partiu há meia hora.



O que é a Saudade



Senhor, que é que tem o homem
Quando cisma ou quer,
Quando chora ou canta ou ri?
Não é que tem bem secreto
No escaninho do peito,
Uma doída saudade de ti?

Porque a aurora da vida
Se esboça toda florida
E nem parece daqui?
É que do céu desce um anjinho,
Que ainda todo quentinho,
Não sentiu a saudade de Ti?

O jovem todo ardoroso,
Que sente a vida a ferver,
Porque é que sofre assim?
Não é porque na adolescência,
Vê fugir sua inocência,
Esta branca saudade de Ti?

Porque é que o santo parece
Um ser que sofre risonho
Sem arrancos de frenesí?
É que o acúleo da dôr
Nunca no santo é maior
Que uma doída saudade de Ti?

..... Senhor,
Que é pois esta saudade,
Que todo peito palpita,
Ansia quasi infinita,
Que mistura o gozo à dôr?

Que é êsse choro magoado
De cantigas langorosas,
De modinhas amorosas,
Que só traduzem amor?

Esta palavra *Saudade!*
Diz o amor que se foi,
Diz tudo o que se sente,
Diz de tudo o que dói!

*Mas, para mim ela resume,
Perdo-me, Senhor,
O teu grande ciúme
Do nosso amor!*

Pois, disso tudo no fundo,
O que no mundo é verdade,
E' que o homem só de Deus
Tem saudade!

Vuitó Sereno



Que crítico!

Um poeta, tendo lido a um seu amigo alguns trechos de um poema assás longo que compuzera, perguntou-lhe quais foram os lugares que lhe agradaram mais? "Forão, disse o amigo, aqueles que não leste".



Grêmio Dom Bosco

CORUMBÁ

Colégio Salesiano de S. Teresa

Fundou-se, no Colégio Salesiano de Santa Teresa, da cidade de Corumbá, neste estado, o Grêmio Literário Dom Bosco, do qual é presidente honorário o revmo. padre Bruno Mariano, nosso colaborador, e presidente efetivo o jovem Claudio dos Santos; orador oficial — Amairy Gomes. A sessão de posse da diretoria foi presidida pelo inspetor federal do ensino, dr. João de Oliveira Garcia.

Em seguida foi levado à cena o drama "Duque de Norfolk", em que tomaram parte, entre outros, Arthur de Siqueira, Euclides da Costa, José de Pinho, Miguel Gomes, Paulo Philbois e José de Mesquita, alunos do estabelecimento.

Antes, houvera, pela manhã, provas atléticas, sob a competente direção dos sargentos instrutores Ataíde de Oliveira Soares e Norberto Paulino de Souza.

Grande honra para o colégio foi a presença do Exmo. snr. interventor federal do estado, Capitão Arí Pires. Igualmente a presença do Perfeito Municipal, várias autoridades civis e militares, e figuras de alto relevo social.

Ao revmo. padre Francisco Czapla, diretor do colégio, aos professor, aos alunos e aos membros do Grêmio Literário — apresenta efusivos parabens

"O Liceu".

Destino

Um pai de família fez as seguintes perguntas a seus três filhos:

— Qual será o destino de vocês?

— Todos se calaram.

O pai indaga ao primeiro: que quer você aprender?

— Eu quero ser um doutor.

— E você, inquire o pai ao segundo:

— Eu quero ser um aviador.

Ao passo que o terceiro disse: eu quero ser é... Nisto, interrompe-o o pai sôfregamente: o que? diga logo..

— Eu quero ser pescador, responde o terceiro filho.

Retrucou-lhe o pai: você é um ignorante, porque seus irmãos querem estudar e você quer ser um paupérrimo pescador?

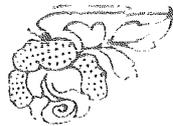
Mas, como filho não tem querer, o pai inter-noa-o num colégio da mesma povoação. Porém, em vão, o garôto não estudava, respondendo aos superiores fumando as-escondidas, etc. apesar dos inumeros avisos dados.

Um belo dia, o conselheiro pega-o fumando e é excluído a bem da disciplina.

— Isso mesmo é que ele queria, foi contente para



As más leituras



É um fenómeno observado por todos os sociólogos, que à proporção que aumenta a instrução, cresce também o flagelo do crime.

Os que diziam: Abrir uma escola é fechar uma prisão, foram obrigados a calar-se diante da evidência cruel dos fatos. Não queremos dizer com isto que abrir novas escolas deva produzir o abrir de novas prisões. — A instrução por si mesma não é um mal. Ao contrario: é um grande bem, mas é censuravel e ruinosa a má instrução e o mau uso que dela fazem.

A difusão da instrução hoje não tem outro fim senão a propagação do gôsto da leitura: lêr, lêr sem discernimento, sem temor de Deus, sem observância às leis divinas nem humanas, sem consideração à propria alma.

Atualmente todos possuem um jornal! e o mais avidamente procurado é o que contém algum romance fantástico, as crônicas judiciárias e fatos tristissimos.

Os romances as mais das vezes compõem-se de contos onde se fala de delitos e de lascivia.

As crônicas judiciárias e os fatos tristes devem estar cheios dessa grosseria. A imaginação popular alimenta-se déles como de uma atmosfera viciada, em seguida as paixões mais baixas ficam excitadas, e os crimes, com a publicidade que lhes fornece, tomam um ar de heroismo que seduz os cerebros fracos. Êles imaginam por sua vez romances na sua vida, paixões saciadas, vontades satisfeitas, e excitados assim os instintos, na primeira ocasião o mais pequeno im-

sua casa, embora lá o esperasse um quê amargo!...

Agora, o garoto se acha sentado à-pôpa de sua canôa, com o seu cigarro ao canto da bôca, em rumo da pesca.

— Quem mais que o destino?

— Ninguém.

Eu, porém, não sei qual será o meu destino.

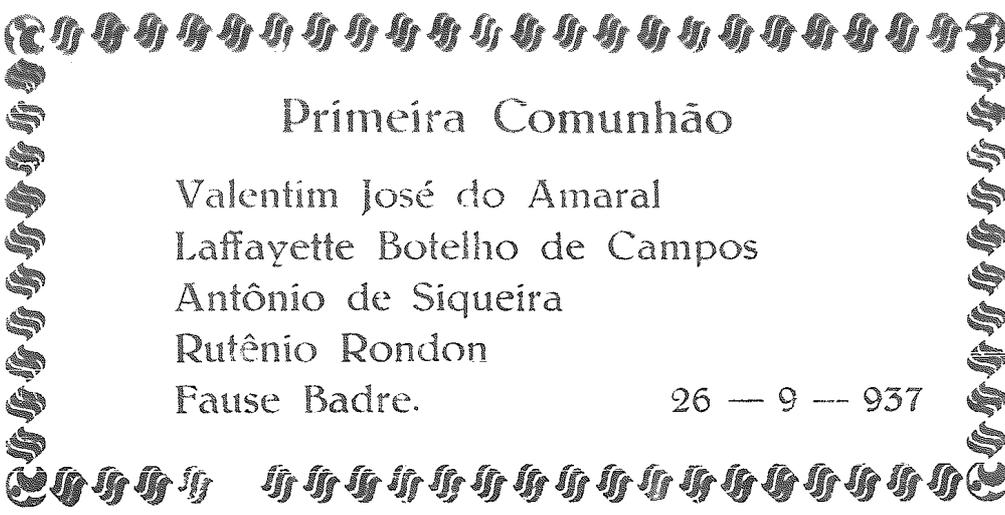
Eu sou como as folhas secas, que vão rolando pelo chão, levadas pelo vento, ou como a canção, que muitos entôam, ao despontar da aurora: "O meu destino seja lá o que Deus quizer." Pois tudo o que Êle quer é bom.

Antônio Rafael

•••

«O teu olho é a luz do teu corpo, — Se o teu olho fôr simples, todo o teu corpo será luminoso. — Mas, se o teu olho fôr máu, todo o teu corpo estará em trevas. Se pois, a luz que em ti ha, são trevas, quão grandes não serão essas mesmas trevas?»





Primeira Comunhão

Valentim José do Amaral
Laffayette Botelho de Campos
Antônio de Siqueira
Rutênio Rondon
Fause Badre.

26 — 9 — 937

Restituição.

Estava um Inglez em uma loja de ourives examinando algumas joias que desejava comprar, quando pressentiu que um gatinho, lhe estava cortando com admiravel subtileza a corrente do relógio.

O Inglez disfarçou, e fingindo que metia machinalmente a mão na algibeira, tirou um canivete e com elle, com todo o sangue frio e presteza, cortou uma orelha do ratoneiro. Deu este um pulo e principiou a gritar:

— Assassino! Assassino!

O Inglez retrucou-lhe muito senhor de si:

— Ladrão! Ladrão!

O tratante, atirando então com o furto para cima do mostrador, disse todo contrito:

— Ahi tem o senhor a sua corrente.

Ao que o Inglez respondeu com toda a impassibilidade.

— Ahi tens tu a tua orelha.

pulso basta a impelir ao furto, à dissolução, ao assassinio.

Graceja-se de que enquanto se lamentam as más leituras, bradando contra os maus livros, se tenham escrito volumes contra o Indice. E em seguida declamam sobre os delitos e a corrupção social. Que ira para não dizer mais!

Amar e honrar a seus
paes enquanto viverem,
choral-os e lamental os de-
pois de mortos — eis o
grande cumprimento das
leis fundamentaes da so-
ciedade humana. — Confúcio.

Meu bom jovem, ^{Dor} Vuitó Sereno

Se eu te dissera, anos atrás que a nossa gentinha de hoje é menos civilizada e menos humana que os pagãos perseguidores do cristianismo nascente, mais ainda, que nós estamos na época feliz dos santos e dos mártires, tu me esboçarias um leve sorriso de descrédito e me julgarias, estou certo, um sonhador de utopias, de arrojos e triúmfos cristãos. Tu porem, meu bom jovem, nos dias que se vão escoando, já vens dizendo que nem eu. Porque é que não acreditavas nos cavaletes e nas grelhas, nas prensas e nas caldeiras, nas espadas e nos esfolamentos, nos garfos e nas serras, nas cruces e nos fogueiras de agora? Hoje não é possível tanta barbarie? Erravas, meu bom jovem, e o teu bom croação, Êstes homens de hoje são piores ainda que os pagãos por que nasceram na era da graça e quiseram dela prescindir: "Nutriebantur in croceis et amplexati sunt stercore". Tu sabes meu jovem, que? "Corruptio optimi pessima". A corrupção do ótimo é a pior de todas. A nossa gente de hoje é esgotada no vício: daí cega na barbárie. A vertigem do homem bestializado atacou as multidões porque as multidões cresceram na escola, donde Cristo foi arrancado. A perversão tenta avassalar todas as classes e pessoas. A impiedade despudorada e satânica pretende numa insânia sem antecedentes na história apagar da face da terra e das estrêlas do céu o nome três vezes santo de Deus. E a sua estolidez é tamanha, que ignoram a sua fraqueza e a fortaleza e onipotência do grande inimigo. Mas, com Deus não se brinca: "Deus non irridetur". Meu bom jovem, esta feição nova da mentalidade dos inimigos do teu Cristo, me vem pondo numa grande dúvida: Serão os Sem Deus da Rússia, do México e da Espanha, homens ou demônios reais ou pelo menos energúmenos? Serão aqueles de que fala o "Apocalipse", que pulavam fóra do Poço-Infernal para fazer mal à humanidade? Só sendo assim se explicam, meu bom jovem,

esses horrores de que a humanidade se envergonha. Sem Cristo o fiel se faz uma fera. Sem Cristo a decência, o pudor, as utopias descabeladas e imperdoáveis. Sem Cristo, a vida do homem não tem preço maior que o sangue do animal. A luta pela vida que hoje se empenha, é luta de feras que se estracalham de raiva. A vingança, desespero, a atrocidade, o massacre, as rapinas e o incêndio, o satanismo, numa palavra, se arvoram de virtudes naturais (o nome sublime! pois o sobrenatural já não existe, e como tal não tem valor para êles!) As aberrações mais inconcebíveis são aplaudidas febrilmente pela escória das ruas, e pelos seus lídimos representantes. Tudo o que lembra Deus é escutrado, perseguido e desprezado. Tudo, e principalmente a batina que dignifica a sociedade. Meu bom jovem, que te resta nessa dura contingência? Lutar. Não nos faltam as armas! Se alguma coisa nos faltar, não há-de ser denôdo e o devotamento incondicionados. Vamos debelar esta raça cruél de satanáez com a arma que a Virgem do céu nos trouxe: "o têrço". Atiremo-nos à luta! Venceremos! A nós acóde aquela mesmo Virgem Santa, que salvou dos turcos e dos albigenses a desolada Europa. No mundo de hoje, quem não luta? Todos lutam.

Mas, quem ha-de vencer? O que luta pelo Cristo. Tu, meu bom jovem, hás-de lutar dom denôdo sempre e eternamente ao lado do nosso invlcto chefe. Grita com ardor o teu novo grito: Guerra! E sempre o teu sangue ferverá em ti nos momentos da luta. Pelo teu Cristo e pelo tua alma, luta sem tréguas contra as paixões, que te querem impelir para a voragem vetiginosa da impiedade. Ou todo de Cristo, ou de satanáez. Tu, meu bom jovem, jurasie um dia fidelidade ao teu chefe. Acorda agora para a vida. Luta! Agora empunha a tua arma, o têrço! e avante sempre na vanguarda de Cristo ao som do grito sempre novo: Guerra! pois a vida é lutar. Dispõe sempre do amigo sincero e leal:

Poucos minutos faltavam para o fim do dia, quando os poetas se entregaram à devoção à Abençoada Virgem.

Escreveram em papel e papel de maqui. Tudo surtira os seus efeitos, e a obra foi publicada e passou a circular, chegando aos seus portos e a ser bem recebida. Insistentemente, tudo em tanta... dava vida a natureza.

A noite, no espaço do espaço, vieram-se embora, que levavam ibos lindas e cheirosas para se em doçolhadas sobre nossa boa mãe do céu.

Também os pais os acompanhavam, enquanto o sol ia desaparecendo atrás dos montes, eles já se encaminhavam a procura da Virgem. E como pertencentes ao clero, ajudavam com gestos e devoção as sagradas funções de tão lindo mês.

Dava prazer, a quem os via na sua batina preta, com o alvo roquete de filó, ligado pela fita azul-celeste, emprestando a função com seu porte e devoção, um não sei quê... de encantador!

Finalmente, após tantas espetativas, chegou a grande solenidade. Pela madrugada, soaram as mavieas notas da banda de música, preludiando com a alvorada, o grandioso e estupendo dia 24.V.1915.

Às seis horas, deu-se início à missa de 1ª comunhões. A capelinha do colégio, formigava de fiéis. No momento desejado, os não-comunhantes se aproximaram da sagrada mesa: entre eles estavam os nossos três. O superior antes de distribuir o pão dos fortes, dirigiu-lhes eloqüentes e animadas palavras de amor, do Amor dos amores, o santo Jesus, que iriam receber, exortando-os a serem fiéis a êste meigo Jesus, que tanto amou os homens.

Imediatamente principiou a distribuição sob o lindo cântico:

*«Jesus é meu amor,
Meu bem, e minha vida,
Amparo meu na vida,
Meu Deus e meu Senhor!»*

Daquêle dia em diante os nossos jovens tornaram-se mais obedientes, mais

deveis e aplicados, proporcionando assim grande prazer aos seus pais e professores...

O José, por essa ocasião, teve um sonho de predileção: *«Um dia que a Virgem não dá um sorriso nunca viste, o abraçou com seu cetro de ouro...»*

É a bênção da infância que ainda perdura, tornando-o venturoso como êle próprio diz: *«Continuei na Alfândega. Não pude e modestamente com os meus. Sou feliz e bem feliz por estar na grade de Deus.»*

Falar pouco e dizer muito!

Passaram-se cinco anos de vida colegial! Ao cabo dos quais terminava também o ano letivo.

Após o encerramento, de regresso à casa, os nossos amiguinhos, felizes cantavam o canto intitulado: *A despedida dos estudantes*. Deante tantas estrofes, desta me lembro ainda:

*«Caros irmãos! da tempestade
Vamos os perigos arrostar;
Ó vós que no porto ficais seguros
Nunca por nós deixeis de orar.»*

O tempo avarento enguliu sóregamente mais três anos e os nossos três, por deveres necessários da vida, foram obrigados a se dispersarem. O José recebeu um distinto emprêgo na Alfândega. Casou-se com a mana do Osvaldo, jovem da sua elite e condição.

Ao Osvaldo foi-lhe prometido um rendoso emprêgo na Cia. Mate-Laranjeira. Casou-se também ele mais tarde, com uma linda jovem, boa e virtuosa.

O Moacir tornou-se professor no mesmo colégio, onde teve o contentamento de ver o pequerrucho Roberto, a pupila dos olhos de seu colega de antanho, o José.

Para êstes jovens, ótimos ex-alunos, a gratidão ainda viceja em seus corações, pois falam com orgulho e ufania dos ensinamentos que apreenderam dos seus velhos educadores!!!

Antes de se decidarem, definitivamente, fizeram uma reunião, onde, após um frugal recheio, divertiram-se assaz, recordando os tempos de outrora.

Gracjavam alegremente e felizes iam enfrentar a vida activa. Felizes d'igo, pois, estavam baseados em princípios morais e elevados de um espirito sinceramente católico.

* *

Ainda hoje se recordam do passado com saudades! Foi-se o tempo das *bolitas* e dos *piões*... todavia, o coração, já cansado da vida crua e intransigente, distingue-se, levemente, uma recordação...

Essa lembrança longínqua sussurra-nos aos ouvidos "O' mortal, tudd neste mundo *passa*. Olha, esperançoso, para o céu estrelado, aonde brilha um Cruzeiro — o sinal da redenção — e prepara para ti uma vida melhor!"

* *

Um bom amigo é tudo. E' séria, grave a sua *eleição*.

«E tante ela influe na sorte,
De quem a faz com medida,
Que um bom amigo é a vida,
E um máu amigo é a morte.»

Um amigo é um tesouro.

E estes se encontraram para confirmar o provérbio: "Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és."

Izé X. Nada